

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	A psicologia em suas diversas áreas de atuação [recurso eletrônico] / Organizadora Eliane Regina Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-736-9 DOI 10.22533/at.ed.369192310 1. Psicologia. 2. Psicólogos – Brasil. I. Pereira, Eliane Regina. CDD 150
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas –

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os ariticuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

(Barros, 2010, p. 319-20)¹.

Escolhi Manoel de Barros para iniciar a apresentação deste ebook. Tal escolha se dá, pelo convite de Manoel a que conheçamos os desvios, o gosto por nada e o prazer pela doença das frases/palavras. Ele nos incita a encontrar os ariticuns maduros, a escrever, pensar, e gostar da agramática. Esta é a psicologia que acredito, aquela que se produz nas rupturas, nas frestas, nas discontinuidades, nas transgressões, mas, sempre nos encontramos. Não uma psicologia enclausurada em regras ou em protocolos, mas uma psicologia que se faz ciência no contato com os sujeitos. Que constrói desvios para encontrar a beleza e a potência de vida nos sujeitos e em seus momentos difíceis.

Este ebook é resultado de uma série de pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo e/ou quantitativo, pesquisas empíricas e relatos de experiência. Nele os autores descobrem e contam sobre seus caminhos, sobre sofrimento, dor, angústia, mas também sobre possibilidades, desvios e ariticuns maduros.

O livro está organizado em duas partes. A primeira parte intitulada “Reflexões

1. Barros, M. (2010). Poesia Completa. São Paulo: Leya. (6ª reimpressão).

em psicologia” consta trinta e um capítulos que apresentam diferentes temáticas, como: a prática grupal como estratégia de cuidado a jovens analisadas em duas perspectivas diferentes – abordagem centrada na pessoa e psicologia histórico-cultural; a gestação e o desenvolvimento humano ou os cuidados paliativos de neonatos e sofrimento da perda; a pessoa idosa no dia a dia e a prestação de serviço oferecida aos cuidadores; promoção de saúde e intervenções psicossociais; proteção a crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar; dependência química e relações familiares; doença crônica; suicídio; constituição da subjetividade; desinteresse escolar e arte no contraturno; motivação, satisfação e produtividade no ambiente de trabalho; inclusão de pessoas com deficiência na escola e no trabalho.

A segunda parte intitulada “Resumos expandidos” é composta de sete capítulos. Nesta parte, os autores apresentam em textos curtos, mas muito interessantes, diferentes temas, como: suicídio, qualidade de vida no trabalho, mediação extrajudicial, sexualidade infantil, psicologia educacional, e manifestações comportamentais.

Desejamos boa leitura a todos e que os conhecimentos aqui apresentados possam provocar um interesse pela agramática, como nos diz Manoel.

Eliane Regina Pereira

SUMÁRIO

REFLEXÕES EM PSICOLOGIA

CAPÍTULO 1 1

CONSTITUIR-SE SUJEITO: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS JOVENS A PARTIR DE UMA PRÁTICA GRUPAL

Larissa Franco Severino

Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3691923101

CAPÍTULO 2 15

GRUPOS DE ENCONTRO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Leonardo Farias de Arruda

Emily Souza Gaião e Albuquerque

Brenda Lauana Pereira de Souza

Danielly Scalone Maciel

Débora Simone Araújo Wanderley

Gabriel Tognin de Souza

Maria Aparecida da Silva Januário

Maria Luisa Barros Santos Lucena

Mateus Rafael Uchôa Dantas

Stéphanie Lima Fehine de Alencar

DOI 10.22533/at.ed.3691923102

CAPÍTULO 3 26

PERDAS GESTACIONAIS E NEONATAIS: QUANDO AS MÃES CONTAM

Ana Maria Saldanha Pereira

Eliane Regina Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3691923103

CAPÍTULO 4 45

DA GESTAÇÃO AO PRIMEIRO ANO DE VIDA: OS FATORES DE INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Bruna Médis Baruci

Cássia Regina de O. Dela Rovere

Eliandra Dias de Souza

Fabiana Toppan Rocha

Radila Fabricia Salles

DOI 10.22533/at.ed.3691923104

CAPÍTULO 5 75

CUIDADOS PALIATIVOS COM A FAMÍLIA DE PACIENTES NEONATOS: UM ESTADO DA ARTE

Letícia Candido da Cunha

Francini Pullig Fabre

Mariana de Abreu Arioli

Lurdes Victoria Acuña do Amaral

Cloves Antonio de Amissis Amorim

DOI 10.22533/at.ed.3691923105

CAPÍTULO 6	86
INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E PROMOÇÃO DA SAÚDE: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO	
<p>Ana Karine Nóbrega de Araújo Fábia Moraes Barreto Isabella Juciene Aguiar João Bosco Filho Sebastiana Gomes Bezerra Ana Izabel Oliveira Lima</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3691923106	
CAPÍTULO 7	99
SERVIÇOS DE PROTEÇÃO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO INTEGRATIVA	
<p>Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Kedma Augusto Martiniano Santos Mirella Cordeiro Moreira da Costa</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3691923107	
CAPÍTULO 8	114
PERTURBAÇÕES DE PERSONALIDADE E QUALIDADE DE VIDA NUMA AMOSTRA CLÍNICA DE UTENTES PORTUGUESES DOS CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS	
<p>Bruno José Oliveira Carraça Daniel Maria Bugalho Rijo Cátia Clara Ávila Magalhães</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3691923108	
CAPÍTULO 9	127
PERCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS SOBRE SERVIÇOS PSICOLÓGICOS PARA CUIDADORES DE IDOSOS NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE	
<p>Rui Maia Diamantino Felipe Santos de Almeida Arly Patrícia Reis Almeida</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3691923109	
CAPÍTULO 10	143
A PSICOLOGIA POSITIVA NO DIA A DIA DA PESSOA IDOSA	
<p>Eliane de Holanda Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.36919231010	
CAPÍTULO 11	152
O ESTRESSE COMO FATOR DE RISCO PARA O USO DE ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS	
<p>Luiz Roberto Marquezi Ferro Aislan José de Oliveira Ana Paula Jesus da Silva Flávia Fernanda Ferreira de Andrade</p>	
DOI 10.22533/at.ed.36919231011	
CAPÍTULO 12	165
RELAÇÕES FAMILIARES E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA	
<p>Gabrielly Aparecida Borges dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.36919231012	

CAPÍTULO 13	176
REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS DO ADOECIMENTO CRÔNICO EM HOMENS: IMPLICAÇÕES PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE	
Anderson Reis de Sousa Álvaro Pereira Evanilda Souza de Carvalho Ailton Santos Selton Diniz dos Santos Mateus Vieira Soares Isabella Félix Meira Wellington Caribé Santana	
DOI 10.22533/at.ed.36919231013	
CAPÍTULO 14	196
SOFRIMENTO PSÍQUICO E MAL-ESTAR SOB UM VIÉS PSICANALÍTICO	
Iane Pinto de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.36919231014	
CAPÍTULO 15	207
SUICÍDIO E OUTRAS MORTES AUTOINDUZIDAS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	
Evandro Yan Duarte Guilherme Monteiro da Silva Maria Paula Alves Corrêa Paulo Henrique Marques dos Santos Talis Shindy Masuda Victor Antonio Kuiava	
DOI 10.22533/at.ed.36919231015	
CAPÍTULO 16	215
ALGUMAS LEITURAS INTRODUTÓRIAS SOBRE SUICÍDIO, MORTE, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE	
Ariço Chaves Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.36919231016	
CAPÍTULO 17	229
A FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO CEGO À LUZ DA PSICANÁLISE	
Talita Franciele de Oliveira Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.36919231017	
CAPÍTULO 18	242
MITO E DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO: A SAGA DO HERÓI NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	
Kadidja Luciana Tavares Augusto Bryan Silva Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231018	
CAPÍTULO 19	260
ARTE E CONTRATURNO ESCOLAR: (IM) POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIA ESTÉTICA	
Tatyanne Couto Flor Eliane Regina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.36919231019	

CAPÍTULO 20	273
DESINTERESSE ESCOLAR: CAUSAS E EFEITOS DENTRO DA VERSÃO PSICANALÍTICA	
Veruska Soares de Andrade	
Alvaro Luis Pessoa de Farias	
Divanalmi Ferreira Maia	
Marcos Antonio Torquato de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.36919231020	
CAPÍTULO 21	285
PSICOLOGIA E APRENDIZAGEM: ASPECTOS NEUROCIENTÍFICOS E COGNITIVOS	
Eduardo Luiz Muniz Medeiros	
João Marcos Ferreira Gonçalves	
Jônatas Waschington Pereira Araújo	
Vinícius Flávio Medeiros Gomes	
João Paulo de Paiva Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231021	
CAPÍTULO 22	299
AS NUANCES DO FENÔMENO BULLYING NO ENSINO PÚBLICO DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS: ANÁLISE DE UM PROJETO PARA A APRENDIZAGEM SEM MEDO	
Ítalo Fábio Viana da Silva	
Jéssica Pinheiro Nunes	
Silvia Regina Moreira Vale	
Clemilda Meireles Gomes	
Josué Nascimento Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.36919231022	
CAPÍTULO 23	308
AUXILIARES DE APOIO À INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL	
Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.36919231023	
CAPÍTULO 24	316
A INCLUSÃO DE PESSOAS COM AUTISMO NO MERCADO DE TRABALHO: UMA REVISÃO	
Talita Martins Golf Ueno	
Tatiane Carvalho Castro Marin	
DOI 10.22533/at.ed.36919231024	
CAPÍTULO 25	328
A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO ATRAVÉS DE UMA METODOLOGIA INOVADORA DENOMINADA EMPREGO APOIADO	
Ligia Regina Pauli	
Regina Maria Joppert Lopes	
Yvy Karla Bustamante Abbade	
DOI 10.22533/at.ed.36919231025	
CAPÍTULO 26	339
A IMPORTÂNCIA DOS SENTIDOS DO TRABALHO NA MOTIVAÇÃO, SATISFAÇÃO E PRODUTIVIDADE	
Sarah Caroline Albuquerque Ferraz Santos	
DOI 10.22533/at.ed.36919231026	

CAPÍTULO 27 348

BURNOUT E ATIVIDADE FÍSICA COMO *COPING* PARA MÉDICOS PLANTONISTAS: UM ESTADO DA ARTE

Gracielen Bordignon
Thais Weiss Brandão

DOI 10.22533/at.ed.36919231027

CAPÍTULO 28 358

PSICOLOGIA JURÍDICA: ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.36919231028

CAPÍTULO 29 371

PASTORAL DA JUVENTUDE NO REGIONAL NORTE 2 DA CNBB: UMA ANÁLISE SWOT A PARTIR DA CATEGORIA DOS *STAKEHOLDERS*

Denny Junior Cabral Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.36919231029

CAPÍTULO 30 382

O PSICÓLOGO POR SI SÓ É COACH? UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rosimeri Vieira da Cruz de Souza
Rafael Zaneripe de Souza Nunes
Caroline Zaneripe de Souza
Karin Martins Gomes
Amanda Castro
Ana Marlise Scheffer de Souza

DOI 10.22533/at.ed.36919231030

RESUMO EXPANDIDO

CAPÍTULO 31 404

A GESTÃO DE PESSOAS DENTRO DAS CARACTERÍSTICAS DOS CONFLITOS PESSOAIS, COM ENFOQUE NA PSICANÁLISE E INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

Osnei Francisco Alves
Eliete Cristina Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.36919231031

CAPÍTULO 32 416

IDEAÇÃO SUICIDA: UMA TRISTE REALIDADE ENTRE OS MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA

Thalia Roberta Correia Campagnollo
Maiara Carvalho Panizza
Mariana Ribeiro da Silva
Winy Vitória de Lima
Rafael Bottaro Gelaleti
Érica Alves Serrano Freitas

DOI 10.22533/at.ed.36919231032

CAPÍTULO 33	423
CONCEITO E IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO (QVT): UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Marta Gislayne Gomes Leite	
Fernanda Tamyris de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.36919231033	
CAPÍTULO 34	427
A PSICOLOGIA NO DIREITO SUCESSÓRIO: MEDIAÇÃO EXTRAJUDICIAL INTERDISCIPLINAR	
Camila Deprá	
Cristian Garcia Scolari	
DOI 10.22533/at.ed.36919231034	
CAPÍTULO 35	432
SEXUALIDADE INFANTIL: EVENTO PRECOCE OU CONSTITUTIVO?	
Mirella Hipólito Moreira de Anchieta	
Rafael Ayres de Queiroz	
Bárbara Castelo Branco Monte	
Mara Aguiar Ferreira	
Selênia Maria Feitosa e Paiva	
Daniel Mattos de Araújo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.36919231035	
CAPÍTULO 36	439
MANIFESTAÇÕES COMPORTAMENTAIS DO TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO EM VITIMAS DE ABUSO SEXUAL	
Patricia Laysa Silva Soares Campelo de Carvalho	
Nelson Jorge Carvalho Batista	
DOI 10.22533/at.ed.36919231037	
CAPÍTULO 37	445
RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA PRIVADA EM TERESINA-PI	
Juniane Oliveira Dantas Macedo	
Liliana Louísa de Carvalho Soares	
Patrícia Melo do Monte	
DOI 10.22533/at.ed.36919231037	
CAPÍTULO 38	452
OS POVOS KARAJÁ XAMBIOÁ E OS REFLEXOS DA CULTURA NO COMPORTAMENTO SUBJETIVO: A TRANSDISCIPLINARIDADE PRESENTE	
Helena Mendes da Silva Lima	
Maycon Douglas Silva Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.36919231038	
SOBRE A ORGANIZADORA	464
ÍNDICE REMISSIVO	465

OS POVOS KARAJÁ XAMBIOÁ E OS REFLEXOS DA CULTURA NO COMPORTAMENTO SUBJETIVO: A TRANSDISCIPLINARIDADE PRESENTE

Helena Mendes da Silva Lima

Mestre em Sociologia, Antropologia PUCSP,
Professora do curso de Psicologia, direito e
Administração da Faculdade Católica D. Orione.
mendeshelena13@gmail.com

Maycon Douglas Silva Ribeiro

Graduando em Psicologia da Faculdade Católica
D. Orione e membro da Comissão Especial de
Psicologia e Direitos Humanos do CRP-23º de
Palmas - TO. douglasribeiro018@gmail.com

RESUMO: Este artigo é resultado de pesquisa exploratória e descritiva, por meio de levantamento *'in loco'*, tendo como objetivo fazer considerações acerca dos reflexos da cultura no comportamento subjetivo dos indivíduos e do papel da Antropologia enquanto ciência que estuda o homem em sua plenitude, considerando a diversidade, ou seja, as diferenças. Para a apreensão dos dados foi utilizado o método etnográfico. Nessa perspectiva, abordar-se-á como ferramentas analíticas, a Antropologia e Psicologia para que se perceba as correlações destes reflexos da cultura no comportamento subjetivo, emergindo subsídios que possibilitem para o leitor e pesquisador, sobretudo, o leitor profissional da Psicologia, uma abordagem transparente do grupo étnico, e, além disso, pensar este sujeito sob uma ótica transdisciplinar. Entretanto, seu

principal papel é o de valorizar a cultura indígena, revelando o quanto essa etnia tem confirmado sua identidade, o quanto são fortes em todos os aspectos e, frisar que estão sempre juntos em suas comunidades a fim de fortalecer a cultura. **PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia. Etnografia. Psicologia. Subjetividade étnica.

THE KARAJÁ XAMBIOÁ PEOPLES AND THE REFLECTIONS OF CULTURE IN THE SUBJECTIVE BEHAVIOR: THE PRESENT TRANSDISCIPLINARITY

ABSTRACT: This article is the result of exploratory and descriptive research, through an *'in loco'* survey, aiming to make considerations about the reflexes of culture on the subjective behavior of individuals and the role of Anthropology as a science that studies man in its fullness, considering diversity, that is, differences. The ethnographic method was used to capture the data. In this perspective, it will be approached as analytical tools, Anthropology and Psychology so that the correlations of these reflexes of the culture in the subjective behavior can be perceived, emerging subsidies that allow to the reader and researcher, especially, the professional reader of Psychology, an approach transparency of the ethnic group, and in addition to think this subject from a transdisciplinary point

of view. However, their main role is to value the indigenous culture, revealing how this ethnic group has confirmed their identity, how strong they are in all aspects and stress that they are always together in their communities in order to strengthen the culture.

KEYWORDS: Anthropology. Ethnography. Psychology. Ethnic subjectivity.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de um ensaio etnográfico de uma atividade de campo realizado no dia 27 de maio de 2017, cujo nossos informantes de pesquisa são os indígenas da Aldeia Karajá Xambioá, localizado ao Norte, a margem direita do Rio Araguaia, no município de Santa Fé do Araguaia, Tocantins. Estiveram presentes acadêmicos do primeiro período do curso de Psicologia. Na ocasião o trabalho foi realizado em equipe e a partir desta experiência surgiu a necessidade de registrar e comunicar este trabalho na comunidade acadêmica pela sua relevância na formação do Psicólogo e áreas afins. Os demais acadêmicos serão citados no transcrito deste trabalho, a fim de complementá-lo com outros pontos de vista referente ao “objeto” observado. Seguiu-se a metodologia etnográfica que consiste na coleta de dados e recorte analítico do objeto.

No tocante a chegada na aldeia dos indígenas, os pesquisadores sentiram-se confortáveis e ao mesmo tempo eufóricos, cheios de vontade para começar as atividades da aula prática, proposto pela disciplina de Antropologia Cultural.

Para os pesquisadores imersos no “mundo comum”, a aldeia era um mundo “exótico”, não porque estava em contato com “estranhos”, – e sim porque era uma realidade que não condizia com o mundo em que vivem; exatamente pelos aspectos culturais, o que lhes fez pensar que de algum modo aquele lugar fosse de forma simbólica, o “Jardim do Éden”; similarmente por emanar paz, tranquilidade, bem-estar, e uma profunda comunhão entre o grupo étnico.

Aquele instante, o momento da observação, da impregnação da cultura, é para o pesquisador marcas fundamentais para a quebra de paradigmas em relação à cultura seja ela de qualquer grupo étnico. Pois, ainda, hoje há paradigmas e narrativas em relação ao índio em que por falta de conteúdos alusivos à vida ou ao mundo indígena recaem sobre eles estigmas como por exemplo: de seres incapazes, preguiçosos, selvagens, e de quem para além disso, a sociedade civilizada deve ter medo e receio (Afonso, 2016).

Durante o trabalho de campo foram destacados diversos argumentos como “resgate à cultura” e a “expectativa da educação superior frente a cultura indígena”. Atualmente, os Karajá Xambioá percebem mudanças significativas no contato com o homem não indígena ou “Branco”, como definem. E que esse contato afetou a cultura, costumes, culinária, e ao que pode ser conceituado como “identidade” e “tradições”.

Quando perguntado a um indígena Karajá (e Professor), sobre a importância do curso superior para os indígenas, declarou: “Foi muito bom esse tempo que eu passei estudando, adquirir muitos conhecimentos, e isso é bom porque contribui muito para a gente aqui da aldeia. Aprendi muito sobre o branco. A língua, os saberes, estão se perdendo entre a gente”. Com o curso de História e, história cultural que é sua paixão, o Professor Indígena da aldeia Karajá, também, declarou ter obtido diversos conhecimentos sobre sua própria história e raízes, e de como isso o possibilitou trabalhar em sala de aula no objetivo de resgate da cultura, frente a perda da língua indígena e dos saberes.

Através destes breves relatos de observação, objetivamos em dois momentos neste trabalho caracterizar os reflexos culturais no comportamento subjetivo da etnia *a posteriori*. E em segundo propor como sendo fundamental a *Transdisciplinaridade* para abordar o sujeito nos variados aspectos que o constituem. Julga-se necessário um primeiro exercício em *Transdisciplinaridade*, nos passos seguintes fortaleceremos a ferramenta pelo qual acredita-se ser fundamental na abordagem do ser humano e dos seus fazeres em vida.

O INDIVÍDUO NA TRANSDISCIPLINARIDADE

É sempre importante conceituar algo para compreender qual seja o contexto que desejamos tratar. Neste passo, começamos por entender a Antropologia, numa primeira ordem, como ferramenta de análise ao sujeito em sua completude. Quando dizemos isso ampliamos nosso olhar quanto ao homem. Como compreende Marconi e Presotto (2015), todas as implicações desta ferramenta estão no homem, na sua cultura, e como este se comporta partindo do enfoque *biopsicossocial*.

Na dimensão etimológica da palavra Antropologia, o homem é o *antropo* e o *logos*, estudo. O que claramente nos diz ser; o estudo do homem.

Adiante a etnografia é outra ferramenta que compõe o trabalho de campo junto a antropologia, consistindo em análise descritiva e coleta de dados, o que irá manter de igual forma contato *intersubjetivo*; uma capacidade relacional fundamental com o sujeito semelhante.

Percebemos então que diferente da antropologia, a etnografia lida com as particularidades de determinado grupo humano. Segundo Marconi e Presotto (2015), como ramificação da ciência da cultura, a preocupação da etnografia está em descrever as sociedades humanas de modo que os grupos; uma etnia e suas práticas culturais, se adversam às sociedades complexas ou civilizadas. Nisso, aspectos singulares, subjetivos e particulares de cada grupo é captado no trabalho etnográfico.

Em conformidade, para pensar a subjetividade de um ou um grupo de sujeitos, a Psicologia como ciência, é mais uma ferramenta imprescindível, na observação

do fenômeno que se move, e do fenômeno psicológico, ou seja, é o estudo do comportamento e da psique humana.

Observa-se, que a relação das ciências Antropologia e Psicologia, são próximas no que diz respeito ao comportamento humano. Uma vez que a Antropologia se ocupa do comportamento grupal e a Psicologia, do comportamento individual, podendo também intervir no meio grupal de acordo com a área de atuação e das propostas para o profissional Psicólogo inserido em determinado papel da Psicologia. Com isso, Marconi e Presotto (2015), dirão que há uma troca de saberes e fazeres onde os Antropólogos frente ao levantamento de dados feito pelos Psicólogos, buscarão a partir disso explicar as complexidades culturais e comportamentais relacionadas, para interpretação de um conjunto de elementos; culturais, de personalidade, biológicos, e ambientais, correlacionados.

Dessa forma, a compreensão do modo de vida dos grupos, das etnias, do comportamento, linguagem, e dos aspectos subjetivos se torna possível quando se toma como ferramenta as ciências, Antropologia, Psicologia e Etnologia, para perceber o ou os fenômenos, a partir de como este se movimenta em performances grupais ou individuais.

Um passo cumprido na compreensão das ciências que tornam a discussão *Transdisciplinar* importante e fundamental em nossa proposta, agora somos capazes de ir adiante e perceber os atravessamentos da perspectiva em proposta.

DA ESTRUTURA ARQUITETÔNICA À PAISAGEM KARAJÁ XAMBIOA

Nas imagens elementares do pensamento do jovem pesquisador, no seu primeiro contato com indígenas, bem como, com o território. Este percebeu que muito daquilo que imaginava sobre a paisagem e a arquitetura da aldeia foi correspondido no seu primeiro contato.

As casas com estrutura em pau a pique¹, outras em alvenaria, cobertas por palhas de coqueiro e outras por telhas convencionais, causou certo espanto ao pesquisador. Atentou-se, e estranhou as casas em alvenaria coberta por telhas convencionais, pois ainda que imaginasse uma certa civilização dos indígenas, limitou-se a pensar que não era para tanto, outrora, compreendeu o fato.

Na lógica da arquitetura, observou-se uma conexão com a natureza. Segundo o indígena 'A'² "A aldeia segue o curso do rio, sempre a margem direita do rio como forma de proteção, pois no século XVI, lutou-se pela margem do Rio Araguaia." O entrevistado acrescentou que as casas de barro estão ligadas aos mais tradicionais

1. Pau a pique é um modelo de construção rústica que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarradas entre si por cipós, dando origem a um painel perfurado que, após preenchido com barro, transforma-se em uma parede.

2. O indígena da Aldeia Karajá Xambioá é Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Membro do Conselho Estadual de Educação Indígena no Biênio. Presidente do biênio 2017/2019. Formado em Magistério Indígena pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Tocantins – SEDUC.

na cultura.

Os pesquisadores entenderam o fato de algumas casas serem de alvenaria coberta por telhas convencionais, porque o entrevistado revelou que hoje, com o projeto do governo federal, do ex presidente Lula³; as casas devem possuir estrutura em alvenaria.

A observação geográfica, passou aos pesquisadores⁴ a impressão de que a aldeia se encontra no centro da curva do rio comparado a uma ilha, ainda, que se percebesse que era à margem do rio. Nessa percepção, observou-se um grande contato dos indígenas com a terra, o que na cosmovisão dos indígenas Brasileiros de modo geral, é uma característica importante, onde mesmo a crença de que espíritos bons e ruins habitam homens, animais, objetos inanimados, e fenômenos metafísicos intimamente ligados à terra e a natureza; esta cosmovisão é chamada de animismo (AFONSO, 2016).

Um dos aspectos culturais, e que ficou marcado entre os pesquisadores, foi a pintura do corpo, elemento bastante presente da cultura, sobretudo, em momentos de festividade, segundo o entrevistado.

Hoje o povo Karajá Xambioá está localizado às margens do rio Araguaia, já não está em conflito com nenhum outro povo, procurando manter sempre a harmonia com todos os parentes (nome referente a outros indígenas), buscando viver em um futuro tecnológico, sem esquecer suas raízes tradicionais, as casas cobertas de palhas com paredes de barro estão deixando de existir e dando espaço às casas cobertas de telhas com paredes de tijolo (alvenaria), algumas outras feitas de tábuas. (ALBUQUERQUE; KARAJÁ, 2016, p. 18).

No que tange as expressões da cultura do povo karajá Xambioá ficou evidente que são manifestações de cultura material e acima de tudo da cultura imaterial. Há grandes empenhos em manter as origens por meio dos seus estilos, crenças, linguagens e busca por reconectar-se com a língua materna.

DO CONCEITO DE CULTURA AO RELATO DO RESGATE À CULTURA INDIGENA

A cultura tem vasto a sua aceção. Pode-se neste caso trazer a pergunta, mas o que é a cultura? Surgiria aí, muitas interpretações acerca do conceito de cultura. Mas pensando a natureza da cultura como elemento crucial para à antropologia, é importante reiterar que para essa ciência, não existe uma sobreposição de uma cultura em sua relação com outra, ou seja, não há critérios de valor sobre esta ou aquela cultura.

Você já deve ter ouvido os ditos populares, como por exemplo: João não é culto, ou, Josefa é inculta. Para a antropologia são termos que não estão ligados a inteligência ou a intelectualidade, como pensam as pessoas do senso comum, logo:

3. Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil, (2003-2011), ex-metalúrgico, ex-sindicalista e filiado ao PT – Partido dos Trabalhadores.

4. Observação de Maria Paula Centrone, companheira de pesquisa. E-mail: mariapaulacentrone@gmail.com

Os antropólogos não empregam os termos culto ou inculto, de uso popular, nem fazem juízo de valor sobre esta ou aquela cultura, pois não consideram uma superior à outra. Elas apenas são diferentes em nível de tecnologia ou integração de seus elementos. Todas as sociedades – rurais ou urbanas, simples ou complexas – possuem cultura. Não há indivíduo humano desprovido de cultura exceto o recém-nascido e o homo ferus; um, porque ainda não sofreu o processo de enculturação, e o outro, porque foi privado do convívio humano. Para os antropólogos, a cultura tem significado amplo: engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade. (MARCONI; PRESOTTO, 2015, p. 21).

Nas várias definições de cultura em antropologia, o britânico e antropólogo Edward Burnett Tylor, traz no seu livro *Primitive Culture (Cultura Primitiva)*, uma explicação única, do conceito de cultura que para ele, “é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Tylor, 2005, p. 69). Este conceito engloba todas as coisas e acontecimentos relativos ao homem.

Com isso, a visão de mundo do homem está influenciada não só pelo senso comum, que compreende o mundo a partir de experiências acumuladas por um grupo social, o que no mais tardar será visto como herança. Mas também, pela cultura que é fator primordial, influenciador e condicionador do olhar do homem quanto ao mundo em que este vive. Segundo Laraia (2004, p. 76-68) “A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante”.

Posto isto, percebe-se que nas relações culturais por vezes se constrói comportamentos etnocêntricos, ou seja, uma relação hierárquica onde está no centro da sociedade a cultura que representa o padrão cultural, sendo esta cultura o parâmetro para avaliação do certo e errado, do bonito e feio.

É, ainda, possível dizer que o homem em toda a sua magnitude cultural, sofrerá o processo de perda da identidade cultural, ou seja, uma “desculturação”. O indígena Augusto, no momento da entrevista, relatou que o curso de história, especialmente a história cultural, fez com que, o agora professor de história e indígena, pudesse fazer o resgate de sua cultura por intermédio da graduação em história. Segundo Augusto, “Voltamos a resgatar o idioma, a culinária, as danças, e até a prática de fazer arco e flecha”. Augusto disse, ainda, que hoje estão buscando resgatar muito dos seus modos de vida. Percebe-se que pela fala de Augusto, houve processos de “desculturação”, porém, meios de resgate de sua cultura está sendo estabelecido por intermédio de sua graduação.

POLÍTICAS PÚBLICAS, PSICOLOGIA, E A PARTICIPAÇÃO DOS POVOS AUTÓCTONES: IMPLICAÇÕES FUNDAMENTAIS

Impossível falar dos povos indígenas, sem mencionar os processos em que estes foram inseridos politicamente ao longo do tempo e conseqüentemente as narrativas políticas que os constituíram e, ainda, constitui, além do mais num processo relacional capitalista no qual o contexto Brasileiro está inserido. Talvez isso nem seja de todo uma digressão e sim parte inerente do que trata as questões deste artigo, como colocamos; implicações importantes. Mas arriscamos, também, em discutir por uma “digressão importante” a relação entre política pública, psicologia, e os povos indígenas.

Com isso, antes de falar especificamente das políticas públicas para o setor indigenista no que tange sua participação. Compreenderemos primeiro o que são as políticas públicas.

Em um modo plural de abordá-la, as políticas públicas, visam através dos governos (nacionais, estaduais e municipais), com a participação direta ou indireta, de figuras públicas ou privadas; assegurar determinado direito de cidadania para amplos grupos da sociedade, como por exemplo, os segmentos social, étnico, cultural e econômico. Em que por meio da Constituição Federal Brasileira, são assegurados.

Segundo Leonardo Secchi (2013, p. 2) em sua definição, a política pública é:

Uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público. Vejamos essa definição em detalhe: uma política é uma orientação à atividade ou à passividade de alguém; as atividades ou passividades decorrentes dessa orientação também fazem parte da política pública. Uma política pública possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público; em outras palavras, a razão para o estabelecimento de uma política pública é o tratamento ou a resolução de um problema entendido como coletivamente relevante. [...].

Já a participação dos povos autóctones⁵ em políticas públicas, irá diferenciar-se das políticas para outros grupos sociais, uma vez que a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, busca a efetiva participação das populações indígenas no setor de políticas públicas, bem como outros espaços, como o PNGATI⁶.

A Funai funciona como órgão mediador e atuante na estruturação de política indigenista, bem como os assuntos que atravessam essas populações, por exemplo, as terras que são de grande valor tanto em instâncias de direito às terras como de manutenção da história que perpassa o lugar onde vivem. Os povos indígenas possuem grande apego as terras e as tem como “mãe”.

Dessa maneira, a Funai inspira a participação indígena na construção de políticas públicas, de certo que:

5. AUTÓCTONE: indígena, próprio do lugar ou nativo.

6. Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental – PNGATI, espaço construído pelos povos indígenas para atuar na política. Possui um comitê gestor no seu modelo institucional.

Muitos destes espaços de participação social replicam-se em âmbito estadual e municipal e devem igualmente prever a participação indígena para garantir que os modos de vida indígenas sejam reconhecidos, respeitados, e valorizados e considerados pelas políticas públicas que se desenvolvem em todas as esferas. “[...] a Convenção 169 da OIT e o ordenamento jurídico em vigor determinam que sempre que medidas legislativas ou administrativas afetarem povos indígenas, estes deverão ser consultados mediante procedimentos adequados. Trata-se do direito de consulta livre, prévia e informada [...]”. (FUNAI).

Igualmente, a Psicologia é, também, produtora de políticas públicas, considerando que a Psicologia apresenta em seu currículo vastas produções teóricas e práticas para a atuação na construção de política pública. O que a torna certamente necessária.

Atualmente, tem-se debatido políticas públicas em seminários fortalecendo a atuação do profissional, e tecendo nos seminários temas transversais em psicologia. Conforme Gonçalves (2010, p. 117)⁷ “sobre a relação entre a Psicologia e as políticas públicas foram trazidas nos diversos debates dos diferentes seminários. Um aspecto apontado foi que o compromisso dos psicólogos com as políticas públicas tem relação com sua inserção social como cidadão”. Gonçalves (2010) considera, ainda, que atuar em política pública é um compromisso de cidadania que deve garantir participação popular.

Dessa maneira, integralmente, as políticas públicas podem ser vistas como sendo um divisor de águas, na perspectiva de múltiplos interesses e conseqüentemente demandas. Os governos (estadual, federal, municipal) manuseiam as políticas públicas para atingir resultados. Vale dizer, que muitos desses interesses estão ligado principalmente aos governos, e em alguns casos para superfaturar e não para suprir a necessidade das demandas de uma população. Mas o foco e a ideia principal, é responder e solucionar as demandas das diferentes áreas da sociedade pelo qual buscam por uma política pública.

REFLEXOS DA CULTURA NO COMPORTAMENTO SUBJETIVO E A IDENTIDADE SOCIAL

Fazer considerações teóricas a respeito deste tema é também despertar críticas as dispersões em torno do que é subjetividade. No entanto, não se discutirá aqui essas dispersões sobre a subjetividade, e sim um conceito psicológico conciso.

Para que se possa compreender os reflexos culturais que atravessam esses indivíduos ou, mesmo deste grupo étnico – os Karajá Xambioá, primeiro precisaremos entender o que é a subjetividade.

Esta definição da subjetividade tentará “instalar” a ideia de íntimo ou o que se subentende como um espaço particular de qualquer sujeito social a partir da sua relação com um grupo. O que desse modo um novo saber quando discutido em 7. O capítulo 4 deste livro referenciado ao final em Referências Bibliográficas, traz todo o texto e o contexto e as discussões pertinentes. (Indica-se a leitura do mesmo).

conjunto, resultará em absorção subjetiva, isto é, (os óculos ou, a ótica de como um sujeito X, percebe o mundo e de como este se sente a partir de um estímulo externo; do mundo – será diferente daquele que é o do outro sujeito), ou seja, esse ser subjetivo, será composto por emoções, sentimentos e pensamentos que discriminarão uns dos outros.⁸

Perceba que a discriminação é o oposto de descriminação, pois discriminar se trata de distinção, diferenciação e separação.

No tocante a subjetividade como objeto da psicologia, esta, está definida como sendo:

[...] a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experiências no campo comum da objetividade social. Esta síntese – a subjetividade – é o mundo de ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é também, fonte de suas manifestações efetivas e comportamentais [...], é a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar, e fazer de cada um [...]. ” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 23).

Sendo assim, no campo das relações sociais e vivências, os indivíduos manifestam suas construções e visões de mundo, e todas elas materializam, descortinam e são reveladoras dessas singularidades.

De modo que as subjetividades saltam das intimidades dos indivíduos para ganhar visibilidade no tecido social.

Esta é uma via de mão dupla, pois os parâmetros coletivos chamados pela academia ‘cultura’; impactam nas formações das subjetividades. Assim não se pode abordar a temática considerando apenas um “agente” impactando/interferindo, por isso considera-se essa duplicidade, (o ser humano influencia a cultura e a cultura a influência). Conforme Pio (2012, p. 85)⁹, e em seu relato integral, afirmará a identidade social:

Eu queria comentar também sobre a convivência de não-índio nas aldeias, pelo que falou a Bianca. O não índio entra lá e quer ser índio, o outro não quer ser índio, ele deixa de ser índio ou não é índio? Então, eu acho que não. Para nós que somos índios, a gente é índio ou não é índio. Pode entrar qualquer um lá e falar “Olha, eu sou índio também”, mas não é assim que a gente vê, não é? Por isso que o cacique Anildo colocou bem, tem que ter essa preocupação do que estar falando, de tomar muito cuidado do que a gente fala, por que eu estou falando isso? Porque a gente tem vários jovens na aldeia, então pode até se casar com um rapaz lá de fora, aí ele vem e aprende a falar o idioma e fala “eu também sou índio, eu tenho meus direitos” mas e o sentimento do índio, ele tem o sentimento do índio? O branco é um sentimento diferente de nós. Então, a gente é índio, a gente pode morar no apartamento, morar na cidade, a gente pode fora do Brasil,

8. Para este trecho, reitero a particularidade de cada indivíduo como, por exemplo: costumes que não serão iguais, a vivência que também não será análogo. Visto que o fenômeno (homem) que se movimenta, ou seja, que transita em sociedade, este transitará de modo diferente no conceito moral, ético, cultural e, religioso. (Nenhum indivíduo é análogo ao outro).

9. Júlio César Pio, é vice-cacique da aldeia Ekeruá. Etnia terena. Sobre o relato – encontrado no livro: Psicologia e povos indígenas – CRP SP. Sob o tema: Manifestações de lideranças indígenas. p/cap. 36.

que a gente continua sendo índio. É isso que eu queria falar para vocês.

Nos apontamentos de Pio, percebe-se a presença da subjetividade, mas à esta subjetividade e, à essa identidade, nomeia-se ambas de grupal. Isto é, subjetividade grupal e identidade social.

Quando Pio se refere ao sentimento do índio, e faz um contraponto ao sentimento do não índio, expõe assim, elementos contundentes da subjetividade e ao mesmo tempo da identidade social de seu grupo étnico.

Através do relato de Pio é possível colher características como: o grupo social ao qual é pertencente por fatores influentes como a linguagem que vai caracterizando de quem e de qual lugar de fala está se referindo quando diz: “Para nós que somos índios...”

É essa a identidade social, a subjetividade, em aspectos contextuais, dessa ou de outra etnia que transparece seu modo de vida, e que determinará, delimitará o que é comum entre si. Ou mesmo, aquilo que distingue cada um do grupo; passando a ser por essa vez, somente aquele ser, com sua subjetividade e identidade social; não mais de um modo grupal.

Para explicar melhor a identidade social, podemos dizer que esta é um estado de sentimento, e de afeição com um grupo social, (é também a importância que esse determinado grupo tem para nós). É, essa identificação que forjará, ou seja, definirá nossa personalidade a medida em que vamos em maior escala nos identificando com um grupo social. Segundo Lane (2014), é a partir da multiplicidade de pessoas e como se comportam que vamos nos fazendo distintos destes, passando a sermos pessoas com características únicas a medida em que nos relacionamos uns com os outros, forjando nossa identidade social que nos difere dos demais. Entretanto, a identidade social não se constitui apenas nesse fator.

Relembremos do fator grupal em que a identidade social se constitui tanto no modo grupal, quanto no modo individual. Paralelamente a isso, no contexto dos povos Karajá Xambioá, tem-se o ritual do riscado. O ritual tem como objetivo aumentar a potência sexual, (o que psicologicamente fará com que o sujeito dessa etnia relacione um estado de impotência sexual com a necessidade de execução do ritual para que, então, se tenha essa potência novamente). Este é um ritual subjetivo dos povos Karajá, possuindo a mesma representatividade individual; despertar a potência sexual através do ritual todas as vezes que um indígena se sentir impotente.

Contudo, entender a subjetividade e a identidade social desses “nativos” ou mesmo de qualquer outro grupo social, é, no entanto, um processo árduo de busca por quem é esse outro que transita diferente, (do outro), por que o faz este assim, e não assim? (Podemos começar a refletir sobre as lentes psicológicas e etnográficas, bem como, todas as ferramentas que discutem acerca do objeto/fenômeno observado e estudado, e sobre a diversidade daqueles todos complexos que compõem nossa espacialidade). Um caminho percorreu-se, o da interdisciplinaridade, na tentativa

de pelos “parâmetros” que se apresentam, descrever o ser humano no seu modo subjetivo e identitário. E além disso, uma discussão dos processos que permitem a constituição continua desse, ou desses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia tende a nos desestruturar diante daquele que é o outro. Tende a nos tirar das quatro paredes de uma clínica, (que não deixa de ser um outro mundo fantástico), para as quatro paredes do mundo que comporta, também, amplamente, aqueles todos complexos. E a estes todos complexos, os chamo de humanos, que hora são subjetivos, subjetivo grupal, a identidade de si, (ou a identidade individual), e ainda, identidade social.

Em suma, os Karajá Xambioá, são esses de quem são peculiarmente tratados aqui. Tudo ao seus modos e seu tempo, o que em outras palavras é a sua cultura; seus modos de ser e existir. Este primeiro contato foi a priori “inesperado”, construído, – a saber – carregado de pressuposições. E desconstruído ao passo que nos confrontamos com esse outro.

Desse modo, constatou-se ao final do trabalho que a transdisciplinaridade é um caminho que certamente propicia a todos os que se empenham na pesquisa do fenômeno, ou seja, do homem que se move, um olhar holístico aos diversos comportamentos do sujeito, seja ele no grupo ou fora do grupo, e ainda, na sua constituição como ser singular. Por outro lado, preconiza-se ainda mais pesquisas nessa temática, no campo das ciências humanas, já que falamos da complexidade que é o ser humano.

Possivelmente, pela discussão e implicações aqui apresentadas, seja esse o melhor caminho, o da *Transdisciplinaridade* para se perceber esse de quem o tratamos, e que se pode observar em seu modo de vida grupal e individual. Talvez, pode-se considerar, também, que no findar da vida de um cientista, pesquisador, observador, etnógrafo, antropólogo e psicólogo, que o seu maior legado, seja aquilo que se observou, absorveu, aprendeu, externalizou, internalizou, construiu e desconstruiu frente aquilo que é “novo”.

Portanto, cabe ainda, a seguinte consideração de que a ação humana não tem por sujeito os indivíduos isolados. Os sujeitos são ‘sociu’, ou seja, são coletivizados. De modo que similarmente a estrutura da sociedade se faz pelo fenômeno da alteridade que considera as relações numa mão de via dupla.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; KARAJÁ, Adriano Dias Gomes. **Aspectos Históricos e Culturais do povo Karajá – Xambioá**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

AFONSO, Germano Bruno (Org.). **Ensino de história e cultura indígenas**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

TYLOR, E.B. A ciência da cultura. In: CASTRO, C. **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Taylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 67-99.

CRPSP, da 6ª Região (org). **Psicologia e povos indígenas**. São Paulo: CRPSP, 2010.

FUNAI. **Participação Indígena na Construção de Políticas Públicas**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/participacao-indigena-na-construcao-de-politicas-publicas?limitstart=0#>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

GONÇALVES, Maria da Graça M. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2010.

LANE, Silvia T. M; CODO, Wanderley. **Psicologia social: o homem em movimento**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LANE, Silvia T. M. **O que é Psicologia Social**. 11. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas: conceitos, esquemas, de análise, casos práticos**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SOBRE A ORGANIZADORA

ELIANE REGINA PEREIRA - Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Itajaí (1995), com mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007, 2011). Atualmente é docente da Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Psicologia, integrante do Núcleo de Psicologia Social e da Saúde e Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na linha Processos Psicossociais em Educação e Saúde. Líder do grupo de pesquisa Psicologia, Políticas Públicas e Relações Estéticas (CNPQ). Integra o GT da ANPEPP - A psicologia sócia histórica e o contexto brasileiro de desigualdade social (2017 atual). Atua na área da Psicologia da Saúde, com ênfase em Psicologia Social e nos Processos de Criação em contextos de saúde. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0023990232502452>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem centrada na pessoa 15, 16, 17, 18

Abuso de drogas 152, 153

Ansiedade 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 41, 77, 81, 84, 131, 134, 161, 162, 163, 186, 188, 190, 201, 205, 225, 273, 274, 301, 323, 385, 393, 401, 402, 417, 421, 440, 442, 448

Atenção básica em saúde 127, 132, 140, 141

Atenção psicológica 127, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141

B

Bem-estar 11, 71, 78, 79, 143, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 163, 168, 178, 186, 187, 192, 198, 223, 226, 227, 322, 346, 362, 368, 386, 400, 423, 424, 425, 453

Blog 26, 29, 30, 31, 40, 41, 42

C

Comportamento 18, 19, 45, 47, 48, 52, 53, 54, 60, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 72, 74, 143, 149, 150, 153, 158, 165, 172, 177, 202, 207, 210, 211, 225, 226, 233, 234, 252, 255, 268, 281, 292, 295, 301, 302, 307, 308, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 336, 342, 343, 346, 351, 356, 358, 359, 360, 361, 362, 365, 366, 367, 374, 375, 383, 385, 386, 387, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 404, 411, 412, 416, 417, 433, 440, 448, 452, 454, 455, 457, 459

Cuidados com o cuidador 127

Cuidados paliativos 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 190

D

Dependência química 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 200, 356

Depressão 9, 15, 16, 17, 20, 23, 24, 54, 65, 74, 77, 81, 84, 129, 138, 147, 149, 150, 162, 163, 186, 188, 190, 194, 211, 217, 225, 279, 337, 385, 386, 393, 417, 419, 421, 440

Desenvolvimento infantil 45, 47, 52, 61, 66, 70, 71, 72, 433, 436, 437

Direitos da criança 99, 100, 106, 112

E

Epidemiologia 191, 207

Espiritualidade 28, 36, 108, 177, 190, 193, 215, 224, 225, 226, 227, 377, 405, 406, 409, 410, 413, 414

Estresse 77, 78, 79, 129, 131, 134, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 190, 211, 223, 268, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 393, 421, 439, 440, 441, 442, 443

Extensão universitária 15, 16, 17

F

Família 11, 39, 40, 46, 54, 55, 57, 60, 61, 64, 67, 68, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 89, 90, 92, 95, 98, 99, 105, 107, 108, 109, 111, 128, 129, 130, 134, 137, 138, 140, 141,

142, 144, 147, 148, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 185, 186, 188, 198, 220, 221, 227, 253, 267, 273, 275, 278, 279, 280, 282, 306, 311, 314, 323, 324, 325, 331, 332, 333, 336, 414, 419, 429, 443, 445, 447, 448, 450
Fatores de risco 45, 49, 50, 52, 57, 58, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 82, 84, 105, 111, 152, 153, 154, 161, 177, 189, 207, 210, 217, 219, 221, 349

G

Gestação 26, 27, 28, 29, 37, 45, 46, 50, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 69, 70, 73, 74, 77
Gravidez assistida 45, 46

I

Idoso 93, 95, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 217, 431
Intervenções psicossociais 86, 87, 89

L

Luto 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 76, 79, 83, 138, 185, 193, 336, 401, 427, 428, 429, 431, 445, 448, 450

M

Mal-estar 131, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 223, 275, 343
Maternidade 26, 30, 35, 44, 57, 81, 83, 322, 449
Morte 27, 28, 29, 33, 36, 42, 43, 44, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 138, 177, 181, 182, 198, 204, 208, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 250, 252, 254, 279, 340, 351, 353, 407, 410, 417, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 442, 448, 450
Multidisciplinar 35, 42, 76, 79, 102, 110, 127, 131, 140, 165, 171, 187, 296, 298

P

Parto 26, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 45, 46, 47, 48, 55, 58, 59, 60, 61, 73, 82, 84
Perda gestacional 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 43, 44
Perda neonatal 26
Personality disorders 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126
Políticas públicas 86, 87, 88, 90, 91, 94, 95, 97, 100, 101, 110, 112, 131, 138, 141, 163, 260, 261, 268, 278, 280, 314, 380, 458, 459, 463, 464
Prevenção 42, 76, 91, 99, 109, 110, 112, 131, 171, 178, 207, 208, 210, 211, 212, 228, 301, 305, 307, 312, 341, 345, 348, 352, 353, 366, 416, 420, 450
Primary health care 111, 112, 114, 117, 121, 127, 128
Promoção da saúde 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 134, 171
Psicanálise 112, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 219, 229, 241, 259, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 384, 386, 404, 405, 406, 432, 434, 437, 438
Psicologia positiva 143, 144, 146, 147, 149, 150, 151, 395

Q

Quality of life 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 191, 349, 356, 423

R

Recém-nascido 48, 50, 59, 60, 73, 75, 78, 80, 81, 84, 85, 233, 457

Relações familiares 109, 165, 170, 171, 174, 175

Religiosidade 108, 177, 193, 215, 224, 225, 226, 227, 228

Revisão de literatura 80, 82, 99, 273, 348, 422, 423, 424

S

Sofrimento psíquico 185, 186, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 276

Suicídio 207, 208, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 410, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 428

U

Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) 75, 80

Universitários 152, 153, 154, 155, 159, 160, 162, 163, 192, 372, 419

V

Violência na família 99

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-736-9



9 788572 477369